# Ditosos filhos que tal pátria têm

Crónicas de Henrique Monteiro publicadas no semanário "EXPRESSO", respigadas de http://expresso.sapo.pt/gente, sítio entretanto desactivado

## Cândida Almeida

Comendador Marques de Correia
comendador@expresso.impresa.pt

Curvamo-nos hoje para quem tem um coração do tamanho do Padre Américo e, posto que carregue em demasia no batom, ostenta um sentido de perdão sem maquilhagem.

A **Drª Cândida Almeida**, que aos 16 anos rumou a Moçambique, onde teve a oportunidade de conhecer uma africana que lhe explicou o que era o *apartheid*, nela despertando sentimentos de justiça, equidade e esquerda democrática, é uma procuradora-geral-adjunta que chefia o poderoso Departamento Central de Investigação e Ação Penal. Foi a primeira mulher na carreira do Ministério Público e pode ser a primeira mulher procuradora-geral desta República. Tem feito o que pode, incluindo comparecer na Universidade de Verão do JSD onde exclamou: "Os nossos políticos não são corruptos."

A drª Cândida teve enorme êxito no caso FP-25 (que pensou ser um grupo de direita, porque punha bombas, o que mostra a ausência de preconceitos), e tem no currículo dezenas de investigações bem-sucedidas. Cursou Direito por gostar de Agatha Christie mas, infelizmente e ao contrário do que vem nos livros, o culpado em Portugal nunca é o mordomo devido à tendência criminal de pessoas um pouco acima no *status*. Porém, a drª Cândida desconfia das facilidades - seria demasiado simples para qualquer adepto de Poirot ou de Miss Marple um crime ser cometido por um banqueiro, um ministro, um notável ou um político. Por isso ela analisa e reanalisa à exaustão.

À pergunta, muito em voga, "Mas por que razão ninguém é preso?", responde a razão da drª Cândida com a falta de certezas e o coração da drª Cândida com aquele perdão imenso a que se chama prescrição. Com ela, a sociedade está segura. Ninguém será detido sem culpa formada (e não será culpa formada como o dr. Relvas se formou). A culpa será estabelecida com todos os *ff* e *rr*, além de qualquer dúvida... e também de qualquer incómodo político.

De gente assim, cantou Camões o desejo imortal: "Que grandíssimo proveito fará, se com verdade e com justiça".

8.09.2012

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Mário Nogueira

Comendador Marques de Correia

Esta semana pendemos o olhar sobre um líder. Um homem que pela pertinácia, obstinação e constância, conseguiu chamar a atenção para aspetos aqui revelados.

Mário Oliveira Nogueira, duas árvores nobres cujos ramos se cruzaram para dar enxerto frondoso, nasceu a 11 de janeiro de 1958 (uma quarta-feira) em Tomar, terra de eleição de Miguel Cassola Relvas. Viu a luz, segundo nos informa o "Diário de Notícias" junto à ponte do camelo, obra que não se sabe quem homenageia. O pequeno Mário, nabantino mas não nabo, adoraria ter ido para matemática, mas contingências várias obrigaram-no a seguir para o Magistério Primário de Coimbra, de onde saiu professor e primário. Pelo meio faria a tropa, na Polícia do Exército, onde aprendeu a disciplina, e o tirocínio político na UEC, onde aprendeu a repressão (ou ao contrário). Depois de uma deriva esquerdalha que o levou a apoiar Otelo nas presidenciais de 1976 (contra Octávio Pato, do PCP), seria, já comunista encartado, candidato pelo círculo de Coimbra. Infelizmente, a cidade dos doutores não quis saber do professor.

Mas ele chegaria lá - não ao Parlamento, mas à glória. Tornou-se líder da Fenprof, a mais destacada organização sindical de professores. Desde essa data remota, em que Mário Nogueira se tornou o dirigente, os professores têm vindo a perder direitos, regalias, salário e consideração. Isto, a avaliar pelas palavras do próprio, que se queixa amiúde de tais factos.

Pensais que ele desiste? Nunca! É verbo que não conhece (apesar de, entretanto, licenciado numa Escola Superior de Educação). Muito embora a situação dos professores piore constantemente, ameaçados uns com o desemprego e outros com o horário zero, a de Mário tem-se mantido estável. Ministros e políticas passam, mas ele fica - faz jus aos seus apelidos, ambos com origem em árvores que duram séculos.

De homens assim, disse Camões ao comparar as vitórias de Mário às dízimas infligidas pelos mouros: "Não matou a quarta parte o forte Mário / Dos que morreram neste vencimento, / Quando as águas com o sangue do adversário / Fez beber ao exército sedento".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Rafael Mora

Comendador Marques de Correia

Decaímos esta semana sobre um homem-sombra. Aquele cuja modéstia o tem impedido de se revelar como o vero artífice de tantos acontecimentos. Refiro-me ao vice-presidente da Ongoing.

Rafael Mora (nunca confundir com o grande Juan Rafael Mora Porras, presidente da Costa Rica entre 1849 e 1859, pesem os nomes comuns) é um estratego e consultor espanhol que, por um motivo não conhecido, veio para Lisboa e caçou um herdeiro ainda em boas condições. Foi na Accenture que consumou essa ligação (*honi soit...* agora que estas coisas são legais, as precisões tornam-se imperiosas). O herdeiro, nada menos do que o mancebo que viria a ser presidente da Ongoing, Nuno Vasconcellos, tomou-o, mal foi caçado, como *maître à penser* (que era como se dizia *mastermind* no tempo em que éramos elegantes).

O seu vislumbre acutilante e a sua capacidade de antever situações levaram-no a tornar-se o maior descobridor e fazedor de talentos de gestão em Portugal. Não por acaso, todos os presidentes de grandes empresas são obra sua, ou por ele influenciados ou por ele qualquer coisa - incluindo os estrangeiros e os próprios chineses, além dos angolanos, os quais não são estrangeiros nem nacionais, são, afinal, como Rafael Mora, que tendo nascido na Andaluzia é tão ou mais que nós...

A constituição da Ongoing e talvez a contratação de espiões para a companhia são vistas como a sua *opera magna*. O cânone de Mora, que se estuda nos melhores cursos noturnos de gestão, pode ser assim descrito: cria uma empresa de avaliação de quadros; apanha um quadro e avalia-o bem; coloca-o numa boa empresa; leva-o a fazer um contrato entre a empresa dele e a tua; com o dinheiro ganho na operação sobe um nível; estás aqui estás a jantar no Gigi com um ministro; mete o ministro no bolso; retira os dividendos e volta para a Andaluzia; no fim, só perdem os palermas.

Neste caso citar-se-á Tomás Ribeiro e a sua obra "D. Jaime", que Castilho (que era cego) considerava melhor do que o melhor Camões: "Portugal é lauta boda, onde come a Espanha toda. Lobos famintos, comei!".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Noronha Nascimento

Comendador Marques de Correia

Dedicamo-nos, esta semana, a alguém que não pode ser classificado - tal é a sua originalidade e o nosso receio de um processo...

Luís António Noronha Nascimento, nascido em 1943, no Porto, da longa família dos Noronhas, originária de um filho bastardo de Henrique II de Castela, é um alto magistrado da nação. Não é o supremo, lugar que é reservado a Cavaco Silva, aos supremos de pescada, de novilho ou de bacalhau, bem como a certos títulos da

maçonaria, mas é, ainda assim, um alto magistrado. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, é a quarta figura do Estado, atrás de Passos Coelho, mas claramente à frente de Miguel Relvas, o que diz da sua importância.

A sua habilidade e a sua inteligência são reconhecidas por todos. Sendo um escravo da Justiça, sempre a serviu denodadamente, sem distinção de raças, credos, ideologias ou regimes políticos... ou outra coisa qualquer. Foi assim, que o presidente do Supremo, recusando fazer política, como compete a um magistrado, fez sindicalismo - o seu maior sucedâneo. Como representante dos explorados e ofendidos trabalhadores magistrados judiciais, foi da direção do sindicato respetivo e mesmo seu presidente, o que prova que a sua tendência para presidir lhe vem do fundo da alma.

Não se pode dizer que o magistrado construiu uma teia nessas funções sindicais (até porque ele - e bem! - processou quem o disse), mas a verdade é que reuniu apoios, os quais rendidos ao seu esplendor, se tornaram incondicionais. As homenagens que, de Norte a Sul do país, lhe prestam são disso prova e, embora eu não as conheça, aposto que existem. Os únicos a não reconhecerem o brilho de Sexa são os plumitivos, mas ele, atento, já pediu um órgão com poderes disciplinares sobre os jornalistas. Talvez um órgão não chegue e seja necessário um piano, ou um naipe de cordas, quiçá uma orquestra inteira.

O grande Camões jamais se referiria a homens como ele quando escreveu: "Vê que aqueles que devem à pobreza amor divino e ao povo caridade,/ Amam somente mandos e riqueza, simulando justiça e integridade".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Joe Berardo

Comendador Marques de Correia

Esta semana baixamos o olhar sobre um grande investidor que soube transformar amendoins em milhões e vice-versa.

José Manuel Rodrigues Berardo, Joe para aqueles amigos a quem ele trata por babe, é um colecionador de arte por mor de um pequeno engano. Nascido no Funchal a 4 de julho de 1944, rezam as crónicas que colecionava tudo o que encontrava, desde caixas de fósforos a postais de navios que aportavam à Madeira. Por um motivo obscuro, emigrou para a África do Sul com 19 anos e, de repente, ficou rico.

Há várias teorias para o enriquecimento súbito de Joe, mas a melhor é a que ele próprio conta: comprou uma mina de ouro esgotada a um garimpeiro estouvado e quando tomou posse das escórias ainda havia por lá ouro a dar com um pau. Foi, assim, com sorte e sem surpresa, que em 1980 se tornou presidente de um banco. Mas não colecionou bancos, acabando a colecionar arte devido a um lapso: adquiriu um poster

de Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci, pensando tratar-se do original. Decidiu, depois disso, comprar diversos originais que parecem cópias...

Regressou a Portugal no preciso momento em que a África do Sul fazia a transição do poder para a maioria negra e em que a Comissão de Inquérito Van Zyl o citava como traficante de uma planta rara (cicadáceas) para a Madeira (coisa que pode acontecer a qualquer um). O negócio ficar-se-ia a dever à sua amizade com Pik Botha, ministro dos Negócios Estrangeiros do apartheid. Por cá, tornar-se-ia mais tarde várias coisas, além de amigo de Sócrates: colecionador de arte com armazém no CCB; comentador quase residente no telejornal de Mário Crespo (com quem partilhou o imortal pensamento de que uma dívida de não sei quantos milhões é peanuts, vinhateiro e comprador de ações com dinheiro emprestado pela CGD, que entretanto comprou o banco na África do Sul a que ele tinha presidido. Confusos? É porque não percebem o sistema financeiro. Não percam os próximos episódios deste enredo que pode deixar preso qualquer um.Berardo é, ainda, como Camões, um cultor da língua pátria.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## António Cunha Vaz

Comendador Marques de Correia

Destina-se hoje esta coluna a exaltar um homem que foi injustamente preterido na venda do Pavilhão Atlântico (talvez por não ser genro de quem se conheça). E, falando dele, aproveito para enaltecer tantos outros como ele (ou até um pouco abaixo) porque é ele o mais destacado dessa grande classe - os agentes de comunicação.

O doutor António Cunha Vaz não nasceu - apareceu! Mas aparece pouco, uma vez que só dará por ele quem, à lupa, o procurar. Fenómeno de discrição, sabemos apenas que tem 50 anos (ou talvez outra idade qualquer) e que é especialista em comunicação.

Isto faz do doutor Cunha Vaz um homem importante, uma vez que a sua ação gira em torno de grandes homens e grandes empresas, através das quais visa atingir maiores objetivos: homens ainda mais altamente colocados, empresas ainda maiores e mais sólidas.

O doutor Cunha Vaz é, quiçá, o único especialista do mundo que é pago para gizar projetos que não têm em vista a glória de quem lhe paga, mas a própria, a 'cunhavazal' glória! E tem conseguido, honra lhe seja e *chapeau*!

Homem de um só parecer e preferência, fundou uma empresa, a Cunha Vaz & Associados, em que os associados estão todos ao serviço de Cunha Vaz. Todos juntos, ele e os associados, podem, por sua vez, servir qualquer um. Por exemplo, se a Igreja quiser deixar de ser Católica, pode contactar o doutor Cunha Vaz; mas se o Sporting quiser passar a ser Benfica, também; se a mesquita quiser passar a católica, lá tem o

doutor Cunha Vaz (e um ou outro associado), mas se o Benfica quiser passar a Sporting, o doutor Cunha Vaz não se esquiva. O PSD já o contratou para ser tudo e mais alguma coisa. E o PS também, porque o doutor Cunha Vaz é de alto coturno e fulgurante ação. Não se sentindo prisioneiro de um princípio, de uma ética ou de uma linha de ação, é uma das personalidades mais livres do país! E o doutor Cunha Vaz na sua enorme liberdade, costuma estar sempre aliado a outros ditosos filhos. Pode, até ser ele o lídimo descendente da "ínclita geração, altos infantes" que canta o vate. Não sei, porque embora descendente, pode não ser lídimo.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Alberto João Jardim

Comendador Marques de Correia

Esta semana dedico-me a um homem muito injustamente atacado. Tido por tolo, palhaço, ou mesmo antidemocrático, não parece ser qualquer daquelas coisas, embora possa ser uma delas. Refiro-me ao presidente do Governo Regional da Madeira.

Alberto João Cardoso Gonçalves Jardim, nascido do casamento de Marceliana do Patrocínio com Alberto Jardim, a 4 de fevereiro de 1943, é um jurista português a quem a vida empurrou para a política. A sua preparação jurídica ficou atestada pelos mais de dez anos que passou a cursar Direito em Coimbra, tendo em comum com os pilotos das linhas aéreas para o Japão o facto de ser de "longo curso". Como militar, nos tempos da guerra colonial, mostrou especial bravura e dedicação à pátria como oficial de ação psicológica no Funchal e em Lisboa. Embora não se possa afirmar que sofra de stresse pós-traumático de guerra, alguma coisa, por certo, há de ter nesse foro psicológico.

Ingressou na função pública, depois de ter concluído, com êxito para o patrono, o estágio de advocacia. Como jornalista, diretor do "Jornal da Madeira", as suas crónicas evocavam Eça de Queirós por trazerem à memória o título "Prosas Bárbaras".

Integrou o I Governo Regional da Madeira, presidido por Jaime Ornelas Camacho, que pouco depois se demitiu para dar lugar ao portento. Jardim, tendo chegado a presidente sem necessitar de eleições, soube depois aproveitá-las muito bem para se manter no lugar por uns tempos... 34 anos, até agora.

Há quem fale de défice democrático, não compreendendo que na Madeira o que há é terrorismo, como muito bem denunciou Alberto João a propósito dos incêndios. Aliás, o presidente é um homem preclaro que tem uma relação com a poncha semelhante à de Obélix com a poção mágica. Não que seja imbatível ao murro, mas por ser impagável na ramboia. Como o grande Camões já previa na estrofe que dedica à Madeira (Canto V), também Alberto João é "mais célebre por nome que por fama", uma vez que é quase certo ter muito mais proveito do que a fama que tem tido.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Miguel Relvas

Comendador Marques de Correia

Esta semana debruçamos a nossa atenção sobre esse grande injustiçado que é o ministro da Presidência, homem ativo e trabalhador.

Miguel Fernando Cassola de Miranda Relvas - Na escola 'o Cassola', na pátria o Relvas - nasceu Virgem, em Lisboa, a 5 de setembro de 1961, quando os tambores da guerra clamavam "Angola é nossa", território onde viveu até 1974. Terceiro filho de uma família sem história (até ao próprio ter nascido), cedo despontaram nele os alvores do conhecimento, do serviço e do comando. Regressado à pátria, e ao Colégio Nun'Álvares, em Tomar, frequentado por jovens hiperativos (uma versão maliciosa sustenta que os jovens eram malcomportados), fez o curso superior com tal velocidade que não conseguiu sequer cruzar-se com Vara, Sócrates ou qualquer outro colega. Já doutor, e para mais em Relações Internacionais, foi com naturalidade que o vimos dedicado às autarquias.

A sua inteligência - rara - e a sua proverbial capacidade de animar e organizar foram postas à prova diversas vezes. Sobressaiu como secretário de Estado do ministro das Cidades, o então impoluto Isaltino Morais, utilizando a vocação nas Relações Internacionais para se ocupar da... Administração Local. Mais tarde, a sua natural (e interrompida aos 13 anos) ligação a Angola e o impulso para se internacionalizar, levaram-no a ter um papel naquela ex-colónia e no Brasil. Embora estejamos certos de que o papel existe, não sabemos onde está.

Sendo inseparável de Passos Coelho, foi com toda a justiça que se alcandorou a ministro. Algumas vozes, detestando ver o sucesso rápido de um rapaz do povo, começaram, então, a criticá-lo por pressionar jornalistas ou por ter feito um curso a trouxe-mouxe. Mas um homem de curso rápido tem pensamento veloz ou, como diria um seu admirador, é um "penso rápido". Soube, pois, com elegância e originalidade, classificar tais ataques à sua sede de conhecimento como "inveja", a última palavra de "Os Lusíadas". Poderia, numa referência à penúltima palavra do épico de Camões, citar Aquiles. Mas não lhe ficaria bem vir a terreiro falar de calcanhares.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Jardim Gonçalves

Comendador Marques de Correia

Antes que o Natal chegue e o espírito da quadra - paixão e perdão - se aposse de nós, aproveitamos para lembrar uma personagem na qual o espírito sempre falou mais alto do que o vil metal. E se ele conhece o vil metal...

Jorge Manuel Jardim Gonçalves é um reformado que nasceu no Funchal a 4 de outubro de 1935. Fez estudos de engenharia civil no Porto, ainda contribuiu para alargar o aeroporto da sua terra natal, mas seria na banca que encontraria a sua carreira.

Começou bem e continuou melhor!

Mais: daqui proclamo que a maior reforma jamais conhecida por este país é a reforma do engenheiro - quase 175 mil euros! Por mês! E com direito a motorista e guarda-costas.

Não podemos dizer que isto tivesse acontecido por acaso. Não! O nosso homem foi talvez o mais talentoso banqueiro da sua geração. Prova-o o facto de ter sempre atuado com o dinheiro de outros e de ter sido ele a ficar com mais *cash-flow*. Mas isso, meus caros, são engenharias da alta finança que não estão ao nosso alcance. Nesse mundo de regras própriastudo rende. Aliás, mesmo Oliveira Costa rendeu a muita gente (até a alguma altamente colocada). Curiosamente, talvez o único que não tenha rendido fosse Rendeiro... maugrado o nome.

Mas adiante. O nosso homem foi para o Banco da Agricultura e chega a presidente por alturas do 25 de abril. Vai depois para Madrid, onde adere ao Opus Dei, e volta em 1977, para ser administrador de um banco então nacionalizado - o Banco Português do Atlântico! E quem o convidou? Agarrem-se para não caírem! O nosso Henrique Medina Carreira, que era então ministro das Finanças num governo PS! Ora tomem! E há mais: o general Ramalho Eanes, então Presidente da República, apadrinhou-lhe o regresso. E Soares também...

No BPA fez um belo trabalho, fundou o BCP, e quando de lá saiu ainda aquilo não estava afundado. Só assim se explicam a reforma e as mordomias. No entanto, quando o Governo, por via do combate ao défice, ficou com o fundo de pensões da banca, levou com ele o famoso pensionista, a maior reforma do país. E aqui têm como este reformado de luxo agora é (como se dizia) nacionalizado, nosso!

Rimava Camões: "O velho a quem tinham já obrigado/ Os trabalhosos anos ao sossego/ (...) Não perde a presteza com a idade." É verdade!

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Dias Loureiro

Comendador Marques de Correia

Cavamos e soterramos, sempre com grande determinação, à procura daquele que é talvez o símbolo da carreira mais falhada do país. Já esteve nas bocas do mundo, mas agora (quase) ninguém fala dele. Façamos luz:

Manuel Joaquim Dias Loureiro é um gestor-empresário-político-suspeito que nasceu em Aguiar da Beira a 18 de dezembro de 1951, sete dias antes do Menino Jesus.

Desde pequeno que se enganou na carreira a seguir. Foi para Direito, quando devia ter ido para Gestão e, já licenciado em Coimbra (velhos tempos em que os políticos não tinham equivalências), acomodou-se, erradamente à política, quando seria mais aconselhável ter optado por aconchegar-se aos negócios.

Apenas três tenros e primaveris anos depois da sua licenciatura, Dias Loureiro era governador civil de Coimbra. Sete anos depois - tantos quantos os que Jacob serviu Labão -, era secretário-geral do PSD. Nove anos passados - e falamos, pois, de menos de uma década após a conclusão da licenciatura - já era ministro, nunca tendo, no entanto, proferido a frase que o tornou célebre: "Pai, sou ministro!"

Pensareis que com carreira tão fulgurante é arriscado dizer que estava na carreira errada! Não é! Que quer um homem como o nosso Manuel Joaquim de uma carreira? Glória? Não, que ele é humilde e modesto! Fama? Não, que ele é discreto e sensato! Dinheiro? Bem... talvez! O problema é que ele próprio declarou: "Quando saí da política não tinha dinheiro nenhum". Isto, não obstante ter ganho muito na Bolsa, segundo o próprio disse, para justificar um bem-estar acentuado e súbito. Os ganhos em bolsa deram-se quando era secretário-geral do PSD, então partido do poder.

Homem afável, mal deixou a política arranjou logo emprego no grupo José Roquette, numa empresa que seria depois comprada pela... surpresa!... SLN de Oliveira Costa. Posto isto, começaram a dizer que ele tinha a ver com uns negócios do BPN em Porto Rico e em Marrocos (dois lugares que já visitei sem nunca lá ter visto Dias Loureiro), organizando-se tal campanha que ele se viu obrigado a sair do Conselho de Estado, onde aconselhava Cavaco. Pelo meio disse uma mentirola no Parlamento, mas isso já ninguém leva a mal, como sabeis, e ficou rico!

Ora bem, estávamos já a ver que a política tinha sido madrasta para tão radioso (e ditoso) filho da Pátria, mas tudo isto é como o azeite, que vem ao de cima. Manuel Dias Loureiro, assim que resolver uns problemazinhos, estará com uma reforma catita. E nós a vê-los passar...

Camões, que sempre teve grande admiração por homens assim, disse dele: "Que torne à minha pátria e Reino amigo/ E então verás o dom soberbo e rico".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Garcia Pereira

Comendador Marques de Correia

Marchamos - com a bandeira vermelha desfraldada e com o dedo em riste apontando o futuro - em direção a um homem que tantas vezes foi à fonte e jamais bebeu água. Ou, se preferirem outra metáfora, foi inúmeras vezes à praia e nunca tomou banho, apesar de ser especialista em banhadas.

António Pestana Garcia Pereira, nascido em Lisboa a 14 de novembro de 1952, fez 60 anos no dia da Greve Geral (parabéns atrasados!), é um portento eleitoral. Mas, antes disso, é um bem-sucedido advogado na Garcia Pereira & Associados, dedicado a questões de trabalho. Ele e os associados dão cabo do patronato por via judicial, uma vez que por via eleitoral as coisas não têm saído assim tão bem. E não por falta de esforço: António Pestana Garcia Pereira candidatou-se a praticamente todas as eleições que existiram no nosso país (a mais remota candidatura sua que conseguimos encontrar foi em 1979, mas penso que já vinha de trás). Já foi candidato ao Parlamento nacional em diversas ocasiões, a última das quais em 2011; já foi candidato à presidência da Assembleia Municipal de Lisboa nas eleições autárquicas; já foi candidato a Presidente da República. Nunca tendo sido eleito, persiste sempre. Porquê? Porque tem uma missão! Que missão? Ora é aqui que a doutrina se divide.

Invejosos vários e advogados do cambão dizem que é pura propaganda a favor do seu escritório. Quem conheceria Garcia Pereira, não fosse insistente e folcloricamente candidatar-se pelo seu não menos folclórico PCTP/MRPP? Mas nós, que sabemos a verdade, afirmamos sem lugar a reserva ou dúvida: a sua missão é educar o povo, na senda de Arnaldo Matos, seu ex-líder e mentor, e manter a burguesia em sentido. Não tem conseguido nem uma coisa nem outra, mas ele, como já se viu, não é homem para desistir.

Camões, que é sempre muito inspirador para estes ditosíssimos filhos, escreveu dele os seguintes misteriosos versos: "Mas insistindo tu, por derradeiro,/ Com não vistas vitórias, sem receio, /A quantas gentes vês, porás o freio".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Vale e Azevedo

Comendador Marques de Correia

Voamos, cavamos, andamos, corremos, guiamos, enfim, mergulhamos em direção a um homem difícil de apanhar, porque está sempre em movimento. Dotado de um cérebro que podia ter sido imaginado por Simenon, Agatha Christie ou mesmo Poe, não tem, *malhereuseument*, quem o celebre...

João António de Araújo Vale e Azevedo nasceu em Lisboa a 17 de maio de 1957. Ao contrário de outros que o emulam, completou os estudos regularmente na Faculdade

de Direito de Lisboa, quase sem que se desse por ele. Ainda antes de dar nas vistas, foi assessor jurídico do Governo presidido por Pinto Balsemão e fundou, em 1983, uma sociedade de advogados - a Vale e Azevedo & Associados.

Até aqui tudo bem. E durante mais uns anos nem tudo ia mal. Mas, em 1997, o homem desejou e conseguiu tornar-se presidente de seis milhões de portugueses (só menos quatro do que Cavaco), ou seja, do Benfica. A sua preparação para o cargo não é clara, mas deve ter estudado bem a "Arte da Fuga" de Johann Sebastian Bach. Porque desde então tem andado fugido. Foi processado por uma família que se diz lesada (Dantas da Cunha), pela compra e venda de jogadores, por apropriação de bens do clube a que presidiu e por várias pessoas avulsas que ficaram prejudicadas por se meterem com ele. Foi para Inglaterra, onde parece que ainda está, e nem aí o conseguem devolver à procedência, apesar de os tribunais o condenarem à prisão e à expatriação.

Neste momento, o seu processo é complexo. Porque Vale e Azevedo já deixou de ter a imagem de vil vigarista e aldrabão a que estávamos habituados, para ter a de conceituado artífice do crime. Ainda não é um Arsène Lupin nem chegou aos calcanhares de um Houdini (ou do banqueiro Oliveira Costa), mas já está ao nível de um Alves dos Reis. Enfim, olha-se para a cara dele e há ali história e perenidade.

Camões, que vem sempre para aqui chamado, referiu-o: "Olha este desleal o como paga/ O perjúrio que fez e vil engano". Enganou-se o vate! Este não paga! É o pagas!

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Santana Lopes

Comendador Marques de Correia

Pairamos, ou melhor diria flutuamos hoje, em direção a um homem que, qual fantasma, anda por aí. Embora não assombre ninguém, porque não é assombroso, nem tão-pouco seja abóbora, é bom dar-lhe atenção por alturas do Halloween...

Pedro Miguel de Santana Lopes é um... Santana Lopes que nasceu em junho de 1956. Como uma vez escrevi, a prova de que era predestinado está no facto de ter nascido, precisamente, no dia do seu aniversário (além disso, os seus biógrafos dizem que é parente da meia-sobrinha-tetraneta do 2º barão de Brissos, pelo que é 5º primo de Manuela Ferreira Leite. Muitos de vós, portanto, tende em atenção antes de dizer mal dele, que podeis ser igualmente primos de Santana, seja pelo lado do barão de Brissos seja por outro lado qualquer).

Como Santana Lopes, foi Santana Lopes bastante competente. Saltitou entre adjunto de um ministro de Mota Pinto para assessor do Governo de Sá Carneiro; depois para secretário de Estado da Cultura (e Violinos) de Cavaco (e de Chopin), passando por deputado europeu, deputado português, advogado, *publisher* de jornais e revistas,

presidente do Sporting, socialite, descobridor do caminho terrestre para a Figueira da Foz (terra, diz-se, por ele posta no mapa, apesar de eu e outros índios a conhecermos há mais tempo), presidente da Câmara de Lisboa e primeiro-ministro por oito meses, onde levou muito pontapé na incubadora. Depois disso voltou a deputado, tendo sido líder parlamentar do PSD e candidato derrotado (finalmente!) à Câmara de Lisboa, de onde seguiu, já nomeado pelo Governo vigente, para provedor da Santa Casa da Misericórdia, uma vez que foi sempre um homem de grande coração e dádiva. Aliás, tendo sido educado nos mais elevados valores, diz-se que pôs sempre o dever acima de tudo, mas segundo se sabe, já está tudo pago.

Foi coautor de obra de fôlego com Durão Barroso ('Sistemas de Governo e sistema partidário'), único livro em que não fala dele próprio. A parceria com Barroso jamais seria depois a mesma.

O grande Camões falava dele quando descreveu suas façanhas: "As verdadeiras vossas são tamanhas, /Que excedem as sonhadas, fabulosas; /Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro, /E Orlando, inda que fora verdadeiro".

ooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Basílio Horta

Comendador Marques de Correia

Declinamos hoje um nome que, em coerência, sempre serviu as mesmas ideias: as suas! Nunca se desviou da rota, e ainda que a outros o seu rumo pareça errante, tal deve-se ao facto de a linha mais curta entre dois pontos ser um ziguezague.

Basílio Adolfo Mendonça Horta da Franca é um jurista e político que nasceu em Lisboa a 16 de novembro de 1943. Como político, foi sempre justo e como jurista foi sempre polido. Estão-lhe no sangue todas essas qualidades, embora seja um homem sem interesse nenhum, como se pode constatar no seu registo de interesses na Assembleia da República.

No entanto, o jovem Basílio foi reacionário até aos 62 anos, uma vez que até 2005 foi deputado eleito nas listas do CDS/PP. Desde 1976, foi eleito pelo mesmo partido sete vezes (quatro por Braga, duas pelo Porto e uma por Viseu, demonstrando predileção por círculos à esquerda). Foi, ainda, quatro vezes ministro do Comércio e embaixador na OCDE.

Foi, também, do diretório do CDS. em conjunto com Adriano Moreira e Manuel Monteiro, numa *troika* que ficaria imortalizada (embora de forma muito irreverente e pela qual, desde já, pedimos desculpa) com o epíteto da *troika* do velho, do rapaz e do... Basílio! Foi, ainda, em tempos de juventude, candidato da direita às eleições presidenciais, em 1991, contra Mário Soares, de quem disse o que Maomé não disse do

toucinho (e vice-versa), embora o tempo entretanto decorrido, esse malandro, faça com que ambos os socialistas estejam hoje de acordo na necessidade do socialismo para superar as contradições e os males do mundo.

A sua adesão ao espírito do PS foi, mais ou menos, coetânea com a sua nomeação para o AICEP, agência de que foi presidente. Daí, transitou para deputado socialista, desta vez pelo círculo de Leiria, aproximando-se, finalmente do Sul e da sua terra, sendo agora, e depois de anos no engano da direita, o mais encarniçado defensor do socialismo democrático.

Homens como ele, fortes, entroncados e seguros, dados à ondulação, já Camões cantou: "Entre tormentas tristes e bonanças / No largo mar fazendo novas vias / Só conduzidos de árduas esperanças (...) Que como tudo nele são mudanças / Corrente achamos nele tão possante / Que passar não deixava por diante."

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Bettencourt Picanço

Comendador Marques de Correia

Avançamos esta semana para um ilustre homem que há muito se dedicou a uma causa. Aos quadros! Não, no sentido em que Monet ou Picasso o fizeram, nem mesmo como Joe Berardo e outros colecionadores o fazem. Esta personagem de calva brilhante e olhar vivo (talvez reflexo dos óculos) devota-se a outros quadros. Também não aos quadros elétricos, embora já lá andemos mais perto. Para abreviar e não criar mais suspense, aqui vai: ele presta tributo ao quadro técnico!

Leodolfo Bettencourt Picanço, cujo nome diz tudo, é um lutador persistente. Homem sem biografia publicada, dele não se sabe a idade, nem a formação. Investigações profundas, permitem-nos dizer que é da ilha Graciosa, nos Açores. A respetiva lista telefónica confirma-o, pois indica que os apelidos Bettencourt Picanço ali são mato.

Do nosso Leodolfo não se sabe há quantos anos preside ao Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado. Nova e apuradíssima investigação indica, no entanto, que já nos idos de 1991, há mais de 20 anos portanto, aparecia ele à frente de uma publicação registada no Instituto Nacional de Administração como pertencente ao Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado. Uma nota no "Diário da República" de março de 2000, indica, por sua vez, que o Ministério do Trabalho e da Solidariedade o tem nos quadros da carreira Técnica Superior, com as funções de assessor. Uma nota de rodapé (a nota t) informa que o mesmo assessor é presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos. Isto leva-nos à seguinte conclusão: Picanço só quis ser técnico superior para defender os técnicos superiores. Pois não terá feito muito mais...

Picanço é, ainda, dirigente do PSD, neste mesmo momento em que pondera juntar-se à greve geral convocada pela CGTP. Confusos? Não fiqueis! É possível jogar em vários tabuleiros desde que não se troquem as mãos. E ele é homem que joga e fala de modo claro, em sílabas conspícuas, em prosa notarial, do modo que Camões assim descreve: "Com uma voz de uma angélica Sereia".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## José Castelo Branco

Comendador Marques de Correia

Rastejamos esta semana na direção de um ser cuja qualificação atrapalharia o grande Lineu e qualquer um dos seus discípulos. Fazemo-lo, porque falar de António Borges ou de Gaspar seria, nesta semana, demasiado simples. E falar de um político que não fosse Borges ou Gaspar, seria tremendamente injusto. Ficamo-nos, pois, por um (ou uma) *socialite*.

José Alberto Castelo Branco da Silva Vieira, em tempos conhecido(a) por Tatiana Romanova e mais remotamente por Zé Vieira e outros nomes que a decência não aconselha a escrever, é um... confesso ser difícil a definição. Ele gostaria que lhe chamassem negociador de arte, ou mesmo *marchand*, mas as revistas chamam-no *socialite* e o povo nomes mais penetrantes.

Nasceu em Tete, Moçambique, onde o seu pai era motorista de gente rica e o seu irmão Sérgio Vieira chegou a dirigente da Frelimo, ministro e professor de marxismo, mas veio para Lisboa com a independência da colónia, quando tinha apenas 12 anos (diz ele). Se assim foi, nasceu em 62 e tem 50 anos, mas pode ser que tenha mais, porque debaixo de tanto creme nunca se sabe...

Começou moço por ser manequim vestindo-se de mulher. Depois foi *travesti*, sob o nome Tatiana Romanov, animando as noites da discoteca Trump's. Apesar de se autodefinir como "bicha", mas não como "maricona ou paneleira", em meados dos anos 80, vivendo nos elegantes subúrbios de *Saint Antoine des Chevaliers*, teve uma espécie de crise religiosa e casou-se com Maria Arlene Pólvora. Da união resultou um filho. Dizem, até, que chegou a ser catequista por uns tempos... A verdade é que se separou e, em 1996, casou com uma senhora rica, mas já de certa idade (mesmo na perspetiva de alguém com tempo de serviço para a reforma). A senhora chama-se (no caso de ela ainda ouvir) Elizabeth Larner, mas por motivo obscuro assina Betty Grafstein. Vivem ambos em Sintra e em Nova Iorque.

Os grandes momentos da vida do Zé foram: ter ido à "Quinta das Celebridades" e aos "Perdidos na Tribo", ambos educativos programas da TVI; ter sido detido no aeroporto por suspeita de tráfico de joias; ter sido acusado de roubar umas coisas no Ritz (mais tarde o hotel diria tratar-se de um mal-entendido), ter aparecido nuns filmes porno com

um casal do Norte e ter levado um beijo do ator pornográfico Alexandre Frota. Pode ser que haja mais algum, mas não será tão relevante. De qualquer modo, tornou-se um caso de estudo sobre a recompensa da imoralidade. Quer, assim, fazer carreira na política e candidatar-se à Câmara de Sintra.

De figuras como ele, multifacetadas e extraordinárias, cantou assim Camões: "Destes tiros assim desordenados/ Que estes moços mal destros vão tirando/ Nascem amores mil desconcertados/ Entre o povo ferido miserando". Nem mais!

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Adriano Moreira

Comendador Marques de Correia

Curvamo-nos perante uma personagem que não só é filho como também pai (e quem sabe se Espírito Santo) da Pátria. Com o devido respeitinho, claro.

Adriano José Alves Moreira, que completou 90 anos, é um homem que apenas presta tributo à inteligência. Esta característica permitiu-lhe servir qualquer regime (ou homem) em que esse atributo fosse visível. Ou seja, todos.

Advogado e membro da oposição democrática, patrocinou em tribunal a família do general Marques Godinho, injustamente perseguido pelo Estado Novo e que tinha falecido na prisão. Depois disso, muito inteligentemente, foi secretário de Estado e ministro do Ultramar do mesmo Estado Novo, com o objetivo, falhado, de que perseguições assim não se repetissem. Como ministro do salazarismo fez diversos melhoramentos, entre os quais a reabertura do Tarrafal, através da Portaria 18.539 de 17 de junho de 1961.

Acabaria por sair do Governo, afrontando Oliveira Salazar, embora apenas o próprio dê esta versão dos factos. Dedicou-se, então, ao ensino, começando na Escola Superior Colonial, mais tarde ISCSPU (Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas), atual ISCSP (Ciências Sociais e Políticas). Podemos dizer que a evolução do nome da escola acompanha a caracterização do seu mais destacado académico: de colonialista, passou a teórico ultramarino, sendo hoje um indiscutível cientista político de renome.

Em democracia, celebrando a escolha, apoiou diversas pessoas, entre as quais Diogo Freitas do Amaral, Mário Soares, Francisco Sá Carneiro e, de um modo geral, todas, numa constância e coerência apenas ao alcance da inteligência superior do próprio. Mas foi sobretudo ideólogo de um partido centrista, o CDS, do qual foi também líder. Esta sua redenção democrática provoca uma alegria na esquerda apenas comparável à que causa nos céus o pérfido que se arrepende. Porque, como está escrito, há mais alegria por um pecador que se arrepende do que por mil justos que entram...

Presidente da Academia das Ciências, a ele se devem diversos e desconhecidos melhoramentos naquela vetusta associação. Homem de cultura e de provecta idade, não era a ele, no entanto, que Camões se referiu quando escreveu o episódio do velho do Restelo: "Ó glória de mandar, ó vã cobiça desta vaidade a quem chamamos Fama...", etc., etc.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

## Ditosos filhos que tal pátria têm

## Maria de Lurdes Reis Rodrigues

Comendador Marques de Correia

Indiferente às tempestades políticas, às manifestações milionárias (com um milhão de pessoas) e aos arrufos de governantes, aqui se declina e incensa aqueles a quem a Pátria deve a sua glória. Esta semana, temos uma senhora que depois de injustamente atacada, foi devidamente recompensada.

Maria de Lurdes Reis Rodrigues, que tem hoje 56 anos de vida mas muitos mais de experiência, é uma professora. Licenciou-se em Sociologia, mas omite o que fez até então. Provavelmente, por modéstia, não indica que foi professora primária de profissão e - segundo dizem, mas aqui não ponho as mãos no fogo - anarquista de paixão!

A vida começa, porém, a sorrir-lhe a partir das 28 primaveras, ano da licenciatura e do início das sua atividade como professora e investigadora no ISCTE. Mas seria em 2005 que dois momentos marcariam, indelevelmente, a sua vida. Saía do prelo uma das suas obras magnas, "O Papel Social dos Engenheiros", parte de um livro organizado por Manuel Heitor sobre a engenharia portuguesa, e o engenheiro que mais papel teve em Portugal, José Sócrates, convidava-a para ministra da Educação, depois de ela ter presidido ao Observatório das Ciências. Como membro do Governo, não há palavras para a sua ação. Apenas se sabe, pelas palavras da própria, que houve uma grande festa, e pelas palavras de outros, que essa grande festa custou uma fortuna. Também houve um Magalhães e um outro amigo a quem é acusada de ter dado emprego...

Tendo saído do Governo com toda a dignidade que uma mulher carrega quando 100 mil professores exigem a sua demissão, foi nomeada pelo supracitado engenheiro presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Embora a língua de Shakespeare não fosse o seu forte (pelo que recorreu, então, a aulas de inglês), sabia o suficiente para dizer *yes*. Acoita-se, pois, no vetusto palacete da rua do Sacramento à Lapa, onde leva vida tranquila e recatada, ou, como diz o grande Luís de Camões, está "posta em sossego, de seus anos colhendo doce fruto". Como convém, aliás, a senhora da sua condição.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

# Ditosos filhos que tal pátria têm

## Daniel Proença de Carvalho

### Comendador Marques de Correia

Pendemos esta semana para um homem cujo esforço, dedicação e trabalho o alcandorou aos mais altos cargos.

O dr. Daniel Proença de Carvalho, nascido na Soalheira, Fundão, em 1941, licenciado em Direito em 1965, ex-magistrado do Ministério Público e ex-inspetor da Polícia Judiciária, é um advogado famoso. Recém-nomeado (pelos novos donos brasileiros) presidente do Conselho de Administração da Cimpor tem, ainda, a oportunidade de desempenhar os cargos de presidente do Conselho de Administração da Zon, membro da Comissão de Vencimentos do BES, presidente da Mesa Assembleia Geral (AG) da Galp Energia, presidente da AG da Estoril Sol, presidente da AG da Trefilaria, presidente da AG da Portugália, Administração de Patrimónios, presidente da AG da Mague, presidente da AG da Almonda, presidente da AG da Renova, presidente da AG da Celulose do Caima, presidente da AG da Cabo Raso, presidente da AG da Sogeb, Sociedade de Gestão de Bens, presidente da AG da Sociedade Agrícola Belo de Mértola, presidente da AG da Sociedade Agrícola dos Namorados, presidente AG da Coaltejo, Criador de Ovinos Algarve e Alentejo, presidente da AG da Sogesfin, presidente da AG da 3 Z, Administração de Imóveis, presidente da AG da Sétimos, Participações, presidente da AG da Confiança, Participações, presidente da AG da Sociedade Agrícola da Serra Branca, presidente da Assembleia Geral da Gotan, presidente da AG da Companhia Agrícola da Apariça, presidente da AG da Companhia Agrícola das Polvorosas, presidente da AG da Companhia Agrícola de Corona, presidente da AG da Herdade do Monte da Pedra, presidente da Assembleia Geral da Trabelibex, presidente da Assembleia Geral da Écampo, Cinegética e Turismo, presidente da Assembleia Geral da Freixagro, presidente do Conselho de Curadores da Fundação D. Anna de Sommer Champalimaud e Dr. Carlos Montez Champalimaud, presidente da AG da AEM, Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado, presidente da AG do Instituto Português de Corporate Governance, membro do Conselho Consultivo da Fundação Galp Energia, presidente da AG da Liga de Amigos da Casa-Museu João Soares, membro do Conselho de Curadores da Fundação Batalha de Aljubarrota, membro do Conselho Consultivo da Fundação Renascer, docente no Instituto Jurídico da Comunicação (Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra), membro do Conselho Consultivo do Fórum para a Competitividade, membro do Conselho de Patronos da Fundação Arpad-Szenes-Vieira da Silva, membro do Conselho Consultivo da Fundação António da Mota, advogado de José Sócrates (por falta de espaço e tempo, continua um destes dias...)

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

# Ditosos filhos que tal pátria têm

## FIM

### Comendador Marques de Correia

Caros amigos e leitores, desta vez não caímos, decaímos, baixamos, rastejamos nem coisa nenhuma. A feroz censura abateu-se sobre esta coluna, calando-a! Foi o Relvas, pensais...

O que se passou então? Censura! Censura da boa, caríssimos e fidelíssimos leitores.

Eis os factos: Por aqui passaram 21 ditosos filhos que têm a Pátria a velar por eles. Os seus nomes aqui ficam registados para uma posteridade duvidosa: Armando Vara, Miguel Relvas, Alberto João Jardim, António Cunha Vaz, Joe Berardo, Noronha do Nascimento, Rafael Mora, Mário Nogueira, Cândida Almeida, Proença de Carvalho, Maria de Lurdes Rodrigues, Adriano Moreira, José Castelo Branco, Bettencourt Picanço, Basílio Horta, Freitas do Amaral, Santana Lopes, Vale e Azevedo, Garcia Pereira, Dias Loureiro e Jardim Gonçalves. Como veem, uma equipa de servidores da coisa pública que não tem paralelo.

Porém, ao verem os textos onde pretendi elogiá-los (certamente por lerem demasiado depressa ou por pretenderem ver no que escrevi uma ironia que - vade retro! - nunca esteve na minha intenção), nuns casos; por excesso de modéstia ou outra razão escondida, noutros casos, muitos mostraram o seu incómodo em surgir nestas singelas homenagens. Ora eu podia continuar. As forças vivas da Pátria imploraram-mo! Houve almoços de desagravo e um abaixo-assinado do dr. Soares e do senhor bispo Januário...

Mas o Natal é uma quadra significativa para mim. E foi assim que a minha consciência decidiu censurar-me e impedir-me de continuar a escrever esta coluna... por enquanto. E eu, ó preguiça, nem força tenho para lutar comigo!

E aqui tendes, pois, ó mais caros leitores de sempre, como houve um caso de censura - o primeiro, penso - que não é culpa do Relvas. Já disto dizia Camões: "Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,/ Nunca s'ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto/ Por toda a parte tem; e em toda a parte/ Começa e acaba, enfim, por divina arte".

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo